

O Louco, personagem do universo ficcional da Turma da Mônica, foi criado por Márcio Araújo, irmão de Maurício de Sousa, em 1973. Ele é o tema de nossa pesquisa, que problematiza a mensagem presente em sua *graphic novel*, *Fuga*, pois esta pode ser interpretada sob diversas formas. O Louco recebeu variadas interpretações, entre as quais a de que ele não é real, sendo apenas imaginação do Cebolinha, pois é nas histórias em quadrinhos deste personagem que ele aparece, bem como é concebido como real (e que poderia ser um “louco” no sentido literal da palavra). Partimos de uma reflexão psicanalítica para entender a história *Fuga*, bem como do método dialético, para identificar qual é a mensagem presente nela.

A reflexão psicanalítica é utilizada tanto para analisar as características do personagem, quanto a especificidade da história, que possui uma linguagem onírica e metafórica e na qual sonho, fantasia e loucura se misturam. Os conceitos psicanalíticos de Freud, Fromm e Viana, são úteis para interpretar o significado da história, especialmente os conceitos de inconsciente, repressão, inconsciente coletivo.

O método dialético colabora com a necessidade da percepção da totalidade do universo ficcional e entender os elementos extraficcionais, tal como o fato de que a

* Graduanda em Psicologia pela PUC-GO (Pontifícia Universidade Católica de Goiás).

** Professor da Universidade Federal de Goiás; Doutor em Sociologia pela UnB (Universidade de Brasília).



história não foi escrita e desenhada por Maurício de Sousa e sim por Rogério Coelho, bem como as implicações disto.

A hipótese inicial que apresentamos é a de que essa história expressa uma necessidade radical dos seres humanos, que é a de liberdade (especialmente a liberdade de criação, ou seja, a criatividade), manifestando um elemento do inconsciente coletivo numa sociedade burocrática e repressiva.

REPRESSÃO, INCONSCIENTE E LIBERDADE

A reflexão psicanalítica será fundamental para interpretarmos *Fuga*. Para tanto, vamos discutir três conceitos fundamentais que serão utilizados na análise dessa histórias em quadrinhos. O primeiro é o conceito de repressão e o conceito associado de recalçamento. Não partimos da conceituação freudiana, embora ela seja a fonte de inspiração dos desdobramentos posteriores. A repressão é um processo social, no qual o indivíduo é impedido de realizar algo.

A repressão é um processo social no qual a sociedade (ou algum ambiente social específico, seja reproduzindo-a, como é o mais comum, seja por dinâmica própria) exerce a ação de reprimir o indivíduo. O caso mais comum é o da repressão sexual, mas ela se estende para muito além disso, tal como a repressão da criatividade, da imaginação, etc. A repressão é algo negativo, é um impedimento. Por exemplo, os jovens são reprimidos sexualmente, seja através da censura, dos obstáculos, da moral, etc. As crianças, em muitos casos, possuem sua imaginação reprimida, devido ao chamado à realidade, seja dos pais ou professores. Geralmente a repressão vem acompanhada da coerção. A coerção é algo positivo, ou seja, afirmativo, que gera uma ação, ao invés de impedir ou negar alguma conduta. Ela é a imposição de um comportamento, ação, ideia. Assim, se a criança tem sua imaginação reprimida, ela tem, ao mesmo tempo, a “racionalidade” ou a “religiosidade” incentivada (RUCK, 2019, p. 96).

A repressão é, por conseguinte, externa ao indivíduo, é algo social. Ela pode se manifestar através da condenação, discurso, moral, castigo, ação concreta de impedimento, entre outras formas (RUCK, 2019). Ela pode gerar o recalçamento. Segundo Freud, o recalque é um “processo que visa a manter no inconsciente todas as idéias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 647). Essa concepção é semelhante a de Richard Ruck, pois, para este autor, o recalçamento é “um fenômeno psíquico, que ocorre



sob forma não-consciente”. Nesse caso, uma criança, através da repressão (dos pais, família, professores, etc.) pode realizar o recalçamento, não efetivando os mesmos atos.

O recalçamento gera um aumento de acúmulo de energia psíquica no inconsciente, que pode promover o seu transbordamento para a sombra ou na persona. Quanto maior a repressão, maior o recalçamento. Quanto maior o recalçamento, maior a possibilidade de transbordamento sob a forma de energia destrutiva (sombra) ou construtiva (persona). Porém, a questão da repressão e do recalçamento é mais complexa. A repressão gera um recalçamento que significa um aumento de energia psíquica inconsciente, o que, por sua vez, ao exceder o limite, transborda, seja no sentido da sombra ou da persona (ou, em certos casos, de ambos). A complexidade, que a maioria dos grandes psicanalistas não percebeu, é que uma vez que o excesso de recalçamento pode transbordar em sombra, essa energia destrutiva, ao se manifestar, pode gerar nova repressão e recalçamento. Por outro lado, se transbordar em *persona*, a aceitação social é maior e a repressão menor, mas, isso pode não ocorrer. Isso ocorre quando um indivíduo realiza algo socialmente relevante, criativo, etc., mas não obtém nenhum reconhecimento social nos ambientes sociais agregados, gerando insatisfação. Assim, o não-reconhecimento em alguns casos, ou o reconhecimento restrito, em outros, tornam o efeito do transbordamento para a *persona* sem eficácia, o que significa que o transbordamento tenderá a se materializar em sombra. Isso é muito comum em intelectuais e artistas fracassados, tal como ocorreu com o próprio Hitler. Assim, os indivíduos podem desenvolver a sombra, a energia destrutiva, e isso será motivo de nova repressão. Quando gera atos concretos, pode gerar até mesmo repressão policial. Os indivíduos que exercem agressão física ou destruição de objetos, especialmente bens considerados “públicos”, podem ser punidos pelo seu crime. A complexidade aqui, se revela no fato de que alguns autores não compreenderem que nem toda repressão e recalçamento é condenável. As perversões sexuais, o homicídio e todas as formas de agressão física, os atos violentos em geral, etc., devem, efetivamente, ser reprimidos. Obviamente que isso exclui as formas amenas de manifestação da sombra, especialmente quando não atingem os demais seres humanos (como no exemplo dos indivíduos que descarregam suas frustrações e sombra em videogames), pois uma vez que isto seja reprimido, aumentará ainda mais o recalçamento e a sombra. Mas, mesmo nos casos em que a repressão é necessária, por prejudicar outros seres humanos, ela terá o mesmo efeito, tornando a pessoa tendencialmente mais destrutiva ainda, a não ser que consiga realizar suas potencialidades ou desenvolver sua *persona*” (RUCK, 2019, p. 97).

Assim, a partir de conceitos retomados de Jung e adaptados a uma concepção marxista e crítica, alguns autores redefinem os conceitos psicanalíticos e explicam o universo psíquico dos indivíduos de forma diferente, bem como os fenômenos psíquicos coletivos (VIANA, 2002; RUCK, 2019; RUCK, 2018). Além do conceito de repressão (e



recalcamento), é importante os conceitos de sombra, persona e inconsciente. O inconsciente são as necessidades e potencialidades humanas reprimidas e recalçadas, enquanto que a sombra é a energia destrutiva¹ que emerge a partir de um alto *quantum* de repressão (VIANA, 2002; VIANA, 2008).

Não poderemos, por questão de espaço, aprofundar na discussão desses conceitos e nem apontar as diferentes concepções². Só precisamos aprofundar a discussão de mais dois conceitos importantes em nossa análise. A ideia de inconsciente coletivo e de liberdade. Como colocamos anteriormente, o inconsciente é composto pelas necessidades e potencialidades humanas que são recalçadas e reprimidas. Dentre essas necessidades se destaca a liberdade, na qual se inclui a criatividade. E por qual motivo a liberdade seria uma necessidade humana? Para definir isso, precisamos esclarecer este conceito. Fromm (1981) distingue entre “liberdade de” e “liberdade para”. A “liberdade de”, que podemos denominar como condicional, é aquela que significa estar livre de algo, como prisão, burocracia, pressão social, etc. A “liberdade para”, que podemos denominar realizacional, é aquela que expressa a possibilidade de realizar algo, como, por exemplo, escrever uma poesia, produzir um bem material, compor uma música, etc. Esse aspecto é uma característica da natureza humana, tornando o homem um ser livre, autônomo e produtivo (FROMM, 1981). Assim, a repressão da liberdade realizacional (o que pode ser efetivado com a restrição da liberdade condicional) promove um quantum elevado de energia psíquica no inconsciente. E isso se manifesta também no caso de coletividades, gerando o inconsciente coletivo (VIANA, 2002). O inconsciente coletivo é as necessidades e potencialidades humanas reprimidas numa coletividade (VIANA, 2002).

A FUGA E SEU SIGNIFICADO PSICANALÍTICO

O Louco é um personagem, tal como já colocamos, recebe diversas interpretações. Os conceitos psicanalíticos apresentados anteriormente ajudam a analisá-lo. Porém,

¹ Ruck apresenta definições semelhantes: “O inconsciente aqui é o próximo do sentido freudiano, mas indo além do seu pansexualismo e entendendo como o conjunto das necessidades corporais e psíquicas (existenciais e especificamente humanas) dos indivíduos. A sombra é aqui entendida próxima ao termo junguiano, sendo o “lado mau” do ser humano, mas não sendo compreendido como “natural” ou metafísico, e sim produto do excesso de repressão, que faz a energia do inconsciente transbordar e gerar a energia destrutiva” (RUCK, 2016, p. 294).

² Fromm (1981), por exemplo, aponta outra concepção de inconsciente, que seria tudo o que é reprimido no ser humano. Da mesma forma, a sua concepção de inconsciente social é uma transposição dessa definição para o que é coletivo. Uma crítica dessa concepção pode ser vista em: Viana, 2002.



apenas a psicanálise não é suficiente para explicar o universo ficcional constituinte da *Graphic Novel, Fuga*. Nesse contexto, o método dialético (MARX, 1983; VIANA, 2007) contribui ao trazer categorias que nos ajudam a avançar na interpretação dessa obra, buscando seu significado original (KAROSCH, 2019; VIANA, 2012). A categoria de totalidade assume importância fundamental e nos ajuda a entender que para interpretar um universo ficcional é extremamente útil analisar os elementos extraficcionais.

O elemento extraficcional que é importante para entender *Fuga* é o fato de que ela não foi escrita e desenhada por Maurício de Sousa e sim por Rogério Coelho. A única exigência para autorizar a produção da história em quadrinhos *Fuga* realizada por Maurício de Sousa foi que ela precisaria ser *nonsense* (ou seja, absurda, sem lógica e coerência), o que foi atendido parcialmente por Rogério Coelho³.

A importância disso reside no fato de o Louco ganha novo significado, distinto do que tinha nas obras de Cebolinha e aparecia como mero coadjuvante. Em primeiro lugar, ele passa de coadjuvante para personagem principal. Tendo em vista que essa foi uma iniciativa de Rogério Coelho, então podemos notar uma valoração do personagem e do seu significado e forma. O Louco é aquele que rompe com a chamada “normalidade”, ou seja, com elementos da sociabilidade burguesa, cotidianidade moderna, etc. O universo ficcional produzido por Rogério Coelho mantém suas características, mas as aborda positivamente, em contraposição a algo e, assim, cabe ao intérprete entender a contraposição estabelecida entre o “mocinho” e o “bandido”, ou seja, entre o Louco e seu inimigo.

Em segundo lugar, o Louco efetiva uma aventura, que constitui o universo ficcional de *Fuga*, e realiza uma contraposição marcada por diversas metáforas, e onde o sonho e a fantasia se mistura com a realidade. A escolha desse universo ficcional poderia ter sido realizada por diversos motivos, mas ele, em si, aponta para o encaixe perfeito entre a mensagem e o meio, ou seja, entre a história contada e aquilo que queria enviar como mensagem. A contraposição, por sua vez, assume um significado importante nesse

³ O próprio Maurício de Sousa narra isso: “lembro que dei apenas uma orientação: uma história do Louco não pode ser lógica, nem ter explicações demais. O *nonsense* precisa imperar. Afinal, o personagem é assim desde que foi criado, pelo meu irmão, Márcio Araújo, em 1973” (SOUSA, 2015, p. 02).



contexto. Pois o Louco é um protagonista e com suas características e, por conseguinte, os seus opositores possuem um significado antagônico.

Esses elementos nos auxiliam a analisar o universo ficcional de *Fuga*. Vamos iniciar por uma breve apresentação do protagonista. O Louco, ou L.O.U.C.O, assume também o nome de Licurgo Orival Umbelino Cafiaspirino de Oliveira, é um personagem do universo ficcional da Turma da Mônica. Ele foi criado por Márcio Araújo, irmão de Maurício de Sousa, em 1973. As suas aparições aconteciam nas histórias em quadrinhos do Cebolinha, chamado por ele de “Cenourinha”. Depois de algum tempo teve várias alterações e ganham histórias próprias.

Um dos elementos fundamentais da Graphic Novel é o *nonsense* exigido por Maurício de Sousa. O *nonsense* aparece fundamentalmente no aspecto formal. Os quadros perdem a rigidez de estrutura, os personagens saem dos quadros, eles aparecem como “janelas”, etc. O *Nonsense* aparece também em algumas falas, tal como a troca de nome do Cebolinha para Cenourinha, oferecendo também um toque de humor e quando ele demonstra saber que ele fala errado, mesmo antes de conhecê-lo.



Figura 1 – “Nonsense” no aspecto formal: A saída do Quadro.



Fonte: COELHO, Rogério. *Fuga*. Barueri: Panini, 2015.

O universo ficcional mostra uma narrativa lógica e coerente. E por isso afirmamos que apenas parcialmente a exigência de uma narrativa *nonsense* foi atendida. A exceção é representada por algumas lacunas informativas. O universo ficcional se desenvolve a partir da ação do Louco, inicialmente fugindo dos “Guardiões do Silêncio” e depois buscando libertar o pássaro cantor. O pássaro cantor é aquele que permite a existência e proliferação de histórias, da imaginação, da esperança. Ele foi preso pelos Guardiões do Silêncio, que querem impedir a produção de histórias, a imaginação, a criatividade. O Louco o libertou uma vez e por isso é perseguido pelos Guardiões do Silêncio. O Louco pula de uma história para outra (e por isso se encontra com o Universo Ficcional da Turma da Mônica), fugindo dos Guardiões do Silêncio e buscando libertar o pássaro.

O nosso problema é descobrir qual é a mensagem repassada por esse universo ficcional. A partir da análise do universo ficcional e das considerações extraficcionais, concluímos que a mensagem se manifesta através da posição de O Louco, personagem principal. Ele busca libertar o pássaro cantor, ou seja, aquele que permite a criatividade, a imaginação. Para isso é preciso romper com o medo. O Louco luta pela liberdade do pássaro cantor, visando libertar a criatividade. A mensagem consciente, intencional, é,



portanto, a necessidade de superar os medos e as prisões, para conquistar a liberdade e desenvolver a criatividade. Essa é a mensagem intencional de *Fuga* e, portanto, do seu criador.

A mensagem inintencional é aquela que o criador da história não tinha intenção em repassar. A mensagem consciente, ao contrário, é intencional, é o que o autor queria repassar com sua produção ficcional (VIANA, 2012). Para compreender a mensagem inintencional, a psicanálise contribui com a sua teoria do inconsciente, a qual abordamos anteriormente.

O universo psíquico é um conceito importante para compreender as produções ficcionais, a arte em geral. Essa compreensão requer uma retomada das teses de Freud, Jung, Fromm e outros, no sentido de explicitar sua importância para analisar o universo ficcional. Num universo ficcional se manifesta o universo psíquico do seu criador (ou criadores, quando é mais de um, mas que é bem mais complexo analisar nesse caso, bem como diferenciar o consciente do inconsciente). O universo psíquico é composto, fundamentalmente, pela consciência (que inclui a moral, a razão, etc.); b) inconsciente (energias represadas, necessidades-potencialidades humanas recalcadas); c) sombra (energias destrutivas produzidas pela repressão⁴ das energias construtivas); d) Persona (energias construtivas, gerada como satisfação substituta pela não realização das necessidades-potencialidades humanas).

Desta forma, consideramos que a ideia de inconsciente coletivo é importante para explicar *Fuga*. Recordando que não se trata da concepção freudiana de inconsciente que abordamos aqui, embora haja algumas semelhanças. Um elemento comum na abordagem aqui apresentada e a de Freud é de que ele se manifesta nos sonhos, fantasias, ficção, chistes, etc. As histórias em quadrinhos geram universos ficcionais e por isso o inconsciente se manifesta nas produções quadrinísticas. Porém, há diferenças, pois nessa concepção de inconsciente não existem contradições nem dualidade⁵. Ela expressa necessidades-potencialidades humanas, logo, não existe necrofilia, instinto de morte, etc., pois isso seria a sombra (VIANA, 2002; 2008; RUCK, 2016). Porém, além do

⁴ A repressão social é produto da necessidade de reprodução da sociedade capitalista (e das sociedades de classes em geral e, nas sociedades pré-classistas, devido a dependência em relação ao meio ambiente).

⁵ O que pode ser visto em Freud (1978) e Fromm (1965; 1982).



inconsciente, há o inconsciente coletivo. Jung tratou do inconsciente coletivo e Fromm do inconsciente social. A nossa concepção aqui se fundamenta numa outra abordagem, que realiza a crítica dessas concepções anteriores (VIANA, 2002). Nessa concepção, como já apontamos anteriormente, o inconsciente coletivo é o conjunto das necessidades-potencialidades dos seres humanos que são reprimidas igualmente em determinadas coletividades (classes sociais, grupos sociais, organizações, etc.).

Retomar e desenvolver essa análise do inconsciente coletivo é importante para observar sua relação com o mundo dos quadrinhos. O mundo ficcional, tal como as histórias em quadrinhos, manifesta, inintencionalmente, o inconsciente coletivo. Nas histórias em quadrinhos se manifesta o inconsciente individual do produtor (ou produtores), que pode ser, simultaneamente, um inconsciente coletivo. Isso pode ser visto nas histórias em quadrinhos dos Super-Heróis, que manifestam o desejo de liberdade através dos superpoderes (VIANA, 2005), ou, mais especificamente, na Mulher-Maravilha, que expressa o inconsciente coletivo das mulheres (VIANA, 2011).

Figura 2 – Significado dos personagens em *Fuga*.



→ Guardiões do Silêncio: O medo que gera a fuga.



→ O Louco: aquele que houve o canto (imaginação e esperança) e supera o medo.



→ O Pássaro Cantor: símbolo do inconsciente coletivo em uma sociedade repressiva: desejo de liberdade.

Fonte: COELHO, Rogério. *Fuga*. Barueri: Panini, 2015.



O medo é apresentado como o inimigo da liberdade, pois quem tem medo aceita a prisão, aceita a falta de liberdade. Assim, um sentimento específico, gerado por relações sociais e imposto socialmente através da repressão, gera uma reação de conformismo e aceitação da não liberdade. O que a imagem acima mostra é justamente isso. Os guardiões do silêncio simbolizam o medo da liberdade. O Louco é o personagem que simboliza a luta a coragem da luta pela liberdade, a transformação do inconsciente coletivo em consciência coletiva. O pássaro cantor simboliza o inconsciente coletivo, a imaginação e a esperança como manifestações ficcionais do desejo de liberdade (para realizar as necessidades-potencialidades. A história narra a luta do Louco contra o medo e sua superação através da coragem e da esperança advindas do canto do pássaro, que simboliza o desejo de liberdade (sair da gaiola) e assim realizar suas potencialidades (criatividade).

A mensagem inintencional de *Fuga* é a necessidade de superar o medo para conquistar a liberdade. Para isso é preciso coragem e esperança incentivadas pela imaginação e pela criatividade⁶. A narrativa apresenta uma história na qual o medo vai sendo suplantado pela coragem. O simbolismo está expresso em toda as imagens da narrativa, tal como a chave e a fechadura (a chave permite abrir portas e chegar à liberdade, especialmente a da gaiola, embora também permita fechar as portas e trancar as pessoas), a gaiola simboliza a prisão do pássaro cantor e o canto o sinal da coragem e da liberdade.

Essa é uma parte da mensagem intencional, mas por detrás dela há o inintencional, ou seja, o que se revela como manifestação do inconsciente coletivo é o desejo de liberdade, que o louco também representa quando ele busca criar histórias e manifestar sua criatividade, coisa que os “guardiões do silêncio” buscam impedir. E nesse momento a contraposição entre o silêncio e o canto, o primeiro representado pelos Guardiões do Silêncio e o segundo pelo Pássaro Cantor, é algo mais do que uma mensagem consciente, é a expressão de um dilema psíquico humano, no qual uma necessidade, a da liberdade, entra em confronto com o mundo exterior de uma sociedade repressiva.

⁶ E, nesse sentido, se assemelha ao livro e filme, *História sem Fim*, de Michael Ende.



Assim, *Fuga* mostra o inconsciente individual do seu criador e, ao mesmo tempo, já que isto é uma manifestação individual que expressa uma realidade coletiva, o inconsciente coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso trajeto e objetivo foi analisar *Fuga* e observar, a partir das contribuições da psicanálise, sua mensagem intencional, que remetia ao problema do inconsciente coletivo. A partir do método dialético e de alguns conceitos psicanalíticos, analisamos e entendemos que *Fuga* expressa, simbolicamente, o inconsciente individual do seu criador e, simultaneamente, o inconsciente coletivo. O universo ficcional de *Fuga* expressa, através de símbolos e metáforas, uma mensagem intencional e, simultaneamente, inintencional. A intencional é a lição da superação do medo e da necessidade da coragem para conseguir a liberdade e a inintencional é a luta contra a repressão e a necessidade de liberdade, expressando o inconsciente individual e, simultaneamente, o coletivo.

REFERÊNCIAS

- COELHO, Rogério. *Fuga*. Barueri: Panini, 2015.
- FREUD, Sigmund. *Esboço de Psicanálise*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- FROMM, Erich. *Análise do Homem*. 13ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- FROMM, Erich. *O Coração do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- FROMM, Erich. *O Medo à Liberdade*. 13ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. 2ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- RUCK, Richard. A Razoabilização como Mecanismo de Defesa. *Revista Sociologia em Rede*, vol. 8 num. 8, 2018.
- RUCK, Richard. Repressão e Ambiente Social. *Revista Sociologia em Rede*, vol. 9 num. 9, 2019.



SOUSA, Maurício de. A Adorável Loucura que “vaza” das páginas. In: COELHO, Rogério. *Fuga*. Barueri: Panini, 2015.

VIANA, Nildo. *Escritos Metodológicos de Marx*. Goiânia: Alternativa, 2007.

VIANA, Nildo. *Heróis e Super-Heróis no Mundo dos Quadrinhos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

VIANA, Nildo. *Inconsciente Coletivo e Materialismo Histórico*. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

VIANA, Nildo. Inconsciente Coletivo Feminino e Valores Contraditórios na Mulher Maravilha. *Anais Completos do 1º Encontro Nacional de Estudos Sobre Quadrinhos e Cultura Pop*. Centro de Convenções da UFPE, Recife, 28 e 29 de Julho de 2011.

VIANA, Nildo. *Quadrinhos e Crítica Social*. O Universo Ficcional de Ferdinando. Rio de Janeiro: Azougue, 2012.

VIANA, Nildo. *Universo Psíquico e Reprodução do Capital*. Ensaio Freud-Marxistas. São Paulo: Escuta, 2008.

